

A cultura das aparências e os códigos de comportamento: A moda como escrita, memória, posse e poder no Rio de Janeiro do século XIX.

Cristiane Garcia Teixeira (UFSC)

crisgarciat@gmail.com

A história social urbana percebeu a importância da moda nas relações humanas entendendo que através dela é possível estudar as transformações sociais que ocorreram nos núcleos urbanos, enxergar o que modificou e o que permaneceu nas sociedades e nos modos de sociabilidade. A roupa transformou-se em arma na guerra das aparências e distinção, usada, principalmente, na estratificação de classes sociais. Essa história da indumentária nos permite entrar em contato com o mais íntimo da história social. É uma maneira útil de observar as disputas ideológicas que duelavam pela normatização de hábitos e costumes, ela nos diz muito acerca das civilizações, desvenda seus códigos, estrutura de transformações e de poder. Expressa problemas sociais como os que envolvem a produção de matérias-primas, torpor cultural, variações no tempo e no espaço, revela e esconde a posição social dos indivíduos. Em toda história da vida cotidiana ou da história das civilizações há um espaço para a história da indumentária.

A sociologia e a antropologia, consideradas por Gilberto Freyre ciências que estudam o “cotidiano de vivência e convivência humana”, têm também como objeto de estudo os *modos* que são freqüentemente condicionados pela moda além de condicionantes dela. Assim como modos de seres humanos comerem, beberem, divertirem-se, amarem, criarem filhos. Esses cotidianos são afetados e influenciados por usos e modos pessoais e sociais de homens e mulheres regularem sua vida, podendo tornar-se modos de pensar, de sentir, de crer entre outras formas subjetivas que influenciam os indivíduos a seguirem modas concretas.¹

O trabalho do inglês Hebert Spencer serviu de alicerce para muitos outros trabalhos relacionados ao tema, sua concepção de moda se baseia no princípio da imitação e distinção, partindo da ideia de que a mutabilidade da moda é consequência da imitação por parte dos grupos que não possuem

capital simbólico e econômico, que em busca de aceitação social, copiam os modos de ser e vestir das classes ditas “dominantes”, possuidoras de extenso capital simbólico e muitas vezes econômico. Os membros desta última classe para ainda manter o distanciamento buscam outras formas de distinguirem-se dos demais inventando uma “nova” moda, uma nova maneira de distinção. Portanto, para o autor a moda está baseada na imitação decorrente de dois motivos: a busca, do sujeito que imita, pelo respeito do sujeito que sofre a imitação e a necessidade de afirmar que está em igualdade com o mesmo. Spencer classifica o mimetismo em *imitação respeitosa ou reverencial* - “os gregos cortaram a barba a exemplo e por ordem de Alexandre”² - e *imitação competitiva*. Esta última surgiu com o avanço da industrialização que produziu homens enriquecidos que se tornaram capazes de imitar os modos de vestir e alguns costumes dos homens “bem nascidos”.³

O sociólogo francês Gabriel Tarde acredita que a moda deve ser entendida como uma forma de sociabilidade presente em todas as épocas e civilizações. Segundo Tarde, assim como a moda todas as instituições sofrem modificações periódicas, como língua, condutas, legislações, moral, governo. No entanto o sociólogo opõe moda e costumes dividindo a vida social em “*eras de moda*” e “*eras de costumes*”, sendo que a primeira está ligada a busca incessante pelo novo, sendo mais fiel ao tempo presente que ao país e a segunda constitui fases onde a tradição e a continuação dos hábitos e costumes dos ancestrais imperavam, valorizando mais ao país que ao tempo. Uma questão importante da teoria de Tarde é que ele acredita que a moda não é uma invenção da modernidade e que esteve presente, através da imitação, desde a Antiguidade.

O sociólogo americano Thorstein Veblen seguiu uma linha mais materialista “a moda é, antes de tudo, a expressão mais perfeita daquilo que denominou *consumo conspícuo*”⁴ ou seja, um consumo ostensivo. Para ele as constantes mudanças da moda se davam a partir de um consumismo nocivo e da vontade de se livrar rapidamente da feiúra dos estilos, bem como a necessidade que a aristocracia tinha de ostentar suas riquezas exibindo um luxo exagerado, manifestando suas boas maneiras, adotando novas práticas de vestuário e novos ornamentos na busca pela honra e prestígio pessoal.

10.4025/6cih.pphuem.624

Para o autor a forma mais eficaz de exibir e revelar a riqueza de um homem é através do vestuário, pois à primeira vista indica a situação financeira em que vive quem o porta. Veblen também atribui ao vestuário da moda à ideia de ociosidade, pois além de um sinal de riqueza ele pode também ser um elemento típico de uma classe ociosa comprovando - através do uso de chapéus incômodos, unhas grandes e calçados de saltos altos, vestidos e espartilhos que prendiam o corpo e tolhiam os movimento - a ausência de qualquer trabalho produtivo.

Entretanto, a teoria de Veblen não é completa quando é extremada aos limites da ostentação das classes, onde o principal e único “ator” da moda é o indivíduo de classe superior com poder aquisitivo para acompanhar as mudanças periódicas desta. A individualidade também é um fator importante da moda, onde o indivíduo procura, além da sua ou da desejada classe social, a afirmação de uma personalidade.

Essa teoria, em termos, não se encaixa em uma sociedade em construção como a da cidade do Rio de Janeiro no século XIX. A concepção do autor de que o vestuário é a melhor maneira de evidenciar a situação pecuniária de um indivíduo é muito relevante nesta sociedade, tanto que destrói a sua própria ideia de que as alterações da moda estão relacionadas somente a uma classe superior. Muitas eram as famílias brasileiras da corte carioca do século XIX que não mediam esforços para comprar as melhores vestimentas e ornamentos para suas filhas exibirem nos salões de festas, assim como os *mancebos* provenientes de famílias humildes que utilizavam todo o dinheiro recebido no mês para comprar boas roupas e acessórios para se apresentarem dignamente na sociedade.

A individualidade que faltou na percepção de Veblen esteve presente na teoria do sociólogo alemão Georg Simmel que também seguiu a linha de Spencer baseando sua concepção de moda nas ideias de imitação e distinção. Atribuindo à mudança periódica as imitações incessantes das classes superiores pelas classes inferiores, mas foi mais além, atribuindo às grandes cidades – que propiciavam a individualidade e a afirmação da personalidade do indivíduo que antes na vida rural era impossível - e à industrialização, assim como a ascensão da classe média os propulsores da aceleração da moda.

Gilles Lipovetsky é um escritor mais atual que utilizou todos os trabalhos anteriores para construir um trabalho inovador. O filósofo francês destacou-se em 1980 com a publicação do seu livro *O império do efêmero; a moda e seu destino nas sociedades modernas*, ele a analisa sob uma diferente perspectiva social. Acredita que a moda nasceu na modernidade e que sua inteligibilidade até o século XIX esteve ligada especificamente à roupa. Este período é marcado por uma fase inaugural, não sendo a moda em si, mas um “estágio artesanal e aristocrático” da mesma. Lipovetsky justifica a modernidade da moda quando menciona a imobilidade da sociedade primitiva que por muito tempo esteve presa aos costumes de seus ancestrais fundadores e onde o individual esteve amarrado às regras impostas pelo coletivo excluindo de qualquer forma a aparição da mesma, que tem como uma das principais características o desprezo pelo passado. Respeitando e reproduzindo minuciosamente o passado coletivo, essas sociedades “primitivas” não davam margem para a aparição de novidades. Tornava-se impossível para essas sociedades entregarem-se aos caprichos das novidades quando os homens não eram considerados agentes de seus próprios universos sociais e onde a legitimação do social estava baseada na perpetuação dos costumes de seus fundadores. Desta forma, para que o reino da moda pudesse aparecer, primeiramente era necessário o reconhecimento do poder do homem de transformar e organizar seu mundo.

Apesar da mudança do quadro social com o aparecimento do Estado e suas conquistas não ser tão perceptível, ainda é possível perceber que as correntes de importação e difusão de modos assolaram os usos e os costumes, mas ainda não adquiriam um caráter de moda. O que prevalece nessas mudanças é o princípio de imobilidade, pois elas cristalizam-se em normas coletivas permanentes. Essas mudanças são conseqüências do contato com povos estrangeiros dos quais se copiam os trajes e também de ordenações dos soberanos, porém nenhuma delas procede de uma lógica estética autônoma, não trazem o imperativo da inconstante renovação da moda e sim, influências ocasionais de dominação. Mesmo que algumas civilizações tenham sido menos conservadoras, mais abertas a novidades do exterior e mais propensas a exibição do luxo ainda assim não se aproximaram da moda em seu sentido

10.4025/6cih.pphuem.624

estrito dado por Gilles Lipovetsky, sentido este que prioriza o gosto pela novidade e já não se identifica com a curiosidade em relação a coisas exógenas, organizando um sistema de futilidades em movimento perpétuo. É fato que o uso de vestimentas e ornamentos para outros fins além de proteção esteve presente em sociedades antigas, mas não sofriam mudanças periódicas como ocorre desde o século XIX no Ocidente moderno. O que existia nas sociedades antigas era a matéria prima da moda, um esboço da moda na modernidade.

O historiador Fernand Braudel assim como Gilles Lipovetsky, defende a tardia consolidação da moda;

Sabemos também que esta loucura da mudança, ano após ano, tardou a instalar-se verdadeiramente. Claro que já na corte de Henrique IV um embaixador veneziano observa: “Um homem [...] não é tido por rico se não tiver vinte e cinco ou trinta roupas diferentes e tem de mudar todos os dias.” Mas a moda não é apenas abundância, quantidade, profusão. Consiste em mudar tudo a qualquer momento. É uma questão de estação, de dia, de hora. Ora, um tal império da moda não impõe o seu rigor antes de 1700, momento, aliás, em que a palavra, que encontrou uma segunda juventude, corre o mundo com o seu novo sentido: seguir a atualidade. Tudo então está na moda no sentido atual. Até aí, as coisas não tinham andado realmente tão depressa.⁵

A imobilidade das sociedades vigorou por muito tempo seguindo a lógica do respeito pela tradição. É desta estabilidade que Fernand Braudel fala em seu livro *As Estruturas do Cotidiano: Civilização Material, Economia e Capitalismo Séculos XV - XVIII*, no qual dedicou um capítulo aos estudos de roupa e moda. Segundo ele, por muito tempo as vestimentas dos japoneses, indianos e mesmo europeus, principalmente os camponeses permaneceu estável, isso porque essas sociedades em si não se modificaram. Por volta de 1350 com o encurtamento do vestuário do homem europeu, vista aos olhos dos religiosos, idosos, pessoas fiéis a tradição como um escândalo, que a moda deu seu primeiro sinal, pois foi neste momento que a regra da mudança no vestuário vai impor-se na Europa.

Nos séculos XVII e XVIII a moda ganhou novo ímpeto na França, impulsionando sua difusão por toda a Europa. Isso é justificado pela existência

de uma indústria de roupa em Paris com grande tradição e clientes. Para sobreviver era preciso renovar sempre suas roupas e para expandir era necessário aumentar a frequência com que eram substituídas. A velocidade das mudanças de hábitos e práticas foi simultânea a expansão da economia. A partir de 1750, com a propagação de livros e jornais econômicos referentes à moda, os economistas começaram a prestar atenção no luxo indumentário e sobre o papel do consumo de roupas, que se tornou um veículo de criação de riqueza.⁶ A moda, então, codificou-se em mercado.

A moda é um sistema inseparável ao excesso e exagero, o *babado* que dificilmente ultrapassava o topo da camisa, sob o gibão, desenvolveu-se lentamente até chegar ao colarinho rendado com volumes e amplitudes exageradas. Porém na moda o mínimo e máximo fazem parte da mesma essência. Em 1870 quando a simplicidade do traje entrou em voga a lógica da teatralidade que acompanhava o exagero não deixou de existir. Mesmo que as modificações da cultura estejam na base das variações de moda, não podem explicar suas inúmeras transformações sem razão nem necessidade. Isso porque é impossível destacá-la do jogo da vontade de promoção do individualismo. E é por isso que a moda desperta a crítica das normas estéticas, morais e religiosas dos contemporâneos. Já não são mais denunciados apenas os caprichos, futilidades e vaidades humanas, começa-se a denunciar as formas de vestuário que passam a ser consideradas indecentes, ridículas e escandalosas. Com a difusão da moda as próprias roupas passaram a ser objetos de indignação. Pela primeira vez o parecer não é mais um consenso social, choca os hábitos e vê-se condenado pela igreja. A partir desse momento, a moda e a divergência de opinião estarão para sempre juntas.

A moda, assim como a roupa, em alguns momentos foi usada como um instrumento de regulação e de pressão social, suas mudanças eram impostas a um meio social onde os indivíduos obrigatoriamente deveriam as adotar e assimilar. A roupa foi a déspota mais eficaz da história, não precisava de força para permanecer no poder, utilizava o artifício do riso, da zombaria e da reprovação dos contemporâneos. Porém difusão da moda não foi apenas uma forma de coação e controle social, e sim um instrumento de afirmação e

pretensão social. É claro que esta expansão não foi imediata para todas as classes, a principio ela vigorou entre a nobreza, pois por muito tempo o respeito às tradições impediu a confusão de qualidades e a usurpação dos privilégios de vestuários.

Em contra partida podemos observar também que a moda funcionou em alguns momentos como um instrumento da igualdade das condições, teve um papel importante na igualdade das aparências alterando o principio da desigualdade do vestuário e minando os costumes e os valores tradicionais em beneficio do gosto pela novidade e pela frivolidade. A moda, sem duvida, foi um agente na revolução da democratização e essa é a ambigüidade da moda, que ao mesmo tempo em que embaralha as distinções e permite a aproximação das qualidades fortalece o exibicionismo dos signos do poder, símbolos de dominação e diferenciação social. É paradoxal, mas é correto, pensar a moda e a roupa como armas importantes na guerra pela igualdade de poder quando é ao mesmo tempo um símbolo da ostentação da insígnia da hierarquia.

É perceptível, então, que a moda está intrínseca na contradição. Da mesma forma que é um símbolo de distinção social. Tem como ponto maior de sua expansão o momento em que as barreiras sociais já não eram mais intransponíveis. Da mesma forma que se fortalece no dispêndio, ego e na vontade da nobreza em distinguir-se dos demais, permanece ainda mais forte, quando a mesma classe nobre perde seu prestígio e se vê enfraquecida tanto economicamente quanto socialmente. É claro que estas batalhas por *status* foram muito importantes para a exaltação da moda, mas ainda não explicam a perpétua mudança que a mesma sofre. A moda trouxe uma mudança no modo de viver das sociedades.

Enquanto as classes hierarquicamente mais baixas copiavam os padrões de comportamento e as vestimentas das classes mais altas, para se parecerem com as mesmas, a moda fixa sua ancora no aparecimento da singularidade. Por isso, utilizando princípios da concepção de Veblen percebemos que, neste momento, as classes privilegiadas é que se tornam protagonistas da aquisição do novo. Já não interessam-lhes mais manter os muros das fronteiras sociais, mas sim distinguir-se entre os privilegiados. A inovação necessita de custos, só é possível inovar quando possui aparato

econômico para isto. É neste momento que a individualidade e a singularidade roubam a cena. A mudança para distinguir-se. O dispêndio sem limites para exprimir *status* e prestígio dentre os que os possuem. Tornar-se diferente no coletivo já não era mais assustador e sim uma característica que surgiu com o advento da modernidade.

Assim com a ascensão da burguesia já não era mais possível distinguir através das vestimentas a que classe o indivíduo pertencia. Porém, a aristocracia que há muitos anos viveu imbricada na distinção através das roupas não permitiu a igualdade aparente e através dos símbolos mais sutis levantou novamente as barreiras das classes sociais. A partir de então, o luxo em exagero cede espaço para a elegância das sutilezas, como: leques, lenços, echarpes que passam a ser marcas sutis de distinção pela elegância que a harmonia entre estes adereços e a vestimenta exprimiam. Porém, mais importante que usá-los era a forma como eram usados, os gestos e as maneiras que as mulheres os conduziam.

Os homens também não estavam livres desses recursos. A utilização e forma como manejavam a bengala, o modo como usavam e tiravam as luvas e a cartola. Todos esses sutis comportamentos passaram a ser sinais de distinção quando o acúmulo econômico tornou-se possível às classes inferiores. A partir do momento em que externar riqueza através das vestimentas já confundia as classes sociais, o pertencimento aos grupos sociais passou a ser utilizado através de modos de comportamento (portar-se à mesa, conversação, saber dançar, vestir-se de acordo com a ocasião, entre outros), além do acesso à educação propiciar a distinção.

A sociedade do século XIX mostrava que as barreiras sociais já não eram mais intransponíveis e que ao homem dotado de capital cultural, que tinha acesso ao curso superior; ser detentor de diploma do curso de Direito e de Medicina, além de exercer a profissão de escritor, jornalista, entre outras, os distinguia no meio social e as pessoas dedicavam o mesmo respeito que ao homem bem nascido. Eram os grupos de status. Em sociedades em formação, como a do Brasil oitocentista, mais especificamente o Rio de Janeiro, essas características, apesar de estarem presentes, não estavam tão evidentes e

assim a posse de bens materiais era a forma mais concreta para ascender socialmente.

Na corte fluminense a separação dos grupos sociais era bem evidente e a sua comunicação era feita de forma laboriosa. Porém, o fato de possuir riqueza não era tão importante quanto como ela era utilizada. A forma como o indivíduo era considerado pela sociedade era primordial e ser rico era apenas um elemento para obter a distinção social. Desta maneira, a vestimenta era um artifício eficaz quando o objetivo era ser “bem visto” pela sociedade, pois a primeira vista era a forma mais fácil de externar sua riqueza e o pertencimento a certa classe social.

Isto porque a vestimenta é uma linguagem simbólica, um estratagema de que o homem sempre se serviu para tornar inteligíveis uma série de idéias como o estado emocional, as ocasiões sociais, ocupação ou nível do portador.⁷

Uma questão bastante discutida entre os estudiosos do tema é a abrangência da palavra moda. Muitos autores acreditam que ela não rege apenas o vestuário e sim maneiras de se comportar, de escrever, de agir. Aborda transformações ocorridas em diversos setores sociais. Fala-se em moda política, religiosa, científica, entre outras. “Esta moda que toca em tudo é a maneira como cada civilização se orienta”⁸. Daniel Roche em seu livro *A Cultura das Aparências* afirma que nos reinados de Luiz XIII e Luis XIV na França a moda tinha dois significados; o primeiro estava relacionado à costumes, maneiras de viver, o modo de fazer as coisas e um conformismo diante disso e o segundo fazia referencia a tudo que mudava com o tempo e o lugar. É um tropeço comum essa confusão do termo moda e costume. Se pudéssemos tratar o costume como moda, diríamos que se trata de uma moda com oscilações de longa duração, porém a característica mais típica da moda são suas oscilações de curta duração, a efemeridade.

Gilberto Freyre consegue abrigar o conceito de moda quando interliga ao significado da palavra modos. No Brasil oitocentista moda era:

Assim, moda, como uso, hábito ou estilo geralmente aceito, variável no tempo e resultante de determinado gosto, idéia,

10.4025/6cih.pphuem.624

capricho, ou das influencias do meio. Uso passageiro que regula a forma de vestir, calçar, pentear etc. Arte e técnica de vestuário. Maneira, feição, modo. Vontade, fantasia, capricho. [...] Fenômeno social ou cultural, mais ou menos coercitivo, que consiste na mudança periódica de estilo, e cuja vitalidade provém da necessidade de conquistar ou manter, por algum tempo, determinada posição social⁹.

Assim não “estar na moda” para muitos homens e mulheres significava uma condenação social à classe e cultura a que pertenciam. Pois estar fora da moda era considerado uma heresia comparada às cometidas contra a religião, assim como em outros setores socioculturais, como a política e economia.

Portanto, se tratando do Rio de Janeiro, na segunda metade do século XIX, não cabe o sentido que Gilles Lipovetsky dá a moda. Nesta época, momento do ápice da moda na Europa, pode-se observar que a preocupação maior dos brasileiros da corte não era a busca incessante pelo novo, partindo da ideia de que o moderno era o que vinha da Europa e que ao chegar à corte fluminense já não era tão novo e moderno. Detalhe que fortalece a ideia de que por estar ligado a uma tradição, mesmo que não a de seu país de origem, a preocupação com relação às aparências na corte fluminense não era necessariamente estar vestindo a moda atual, mas sim de fortalecer a ideia de pertencer a um grupo seletivo desta sociedade. Ou mesmo um grupo de status, que através de um habitus determinado, exprimiam um gosto determinante. Constatamos que a moda existia sim no Brasil Imperial, porém não em seu significado mais moderno; da incessante busca pelo novo. O que prevaleceu aqui foi a moda creditada à busca pela distinção e imitação de Spencer, bem como a ostentação da classe superior e ociosa de Veblen e a individualidade de Simmel na busca pelo prestígio individual nas cidades. A moda fluminense esteve intimamente ligada a “síndrome do bovarismo”, ao mimetismo dos padrões de conduta e códigos de comportamento dos europeus e a busca incansável pela aceitação e afirmação social em detrimento da busca pelo moderno.

Esse respeito por uma tradição, que não era a própria, expressa a europeização dos costumes que o Brasil vinha sofrendo desde o início do século e nos permite entender o processo o qual a sociedade fluminense experimentou. Analisando a teoria do processo civilizador de Norbert Elias

10.4025/6cih.pphuem.624

percebemos que a sociedade fluminense, principalmente por estar em formação, responde até certo ponto a esse processo de civilização através das transformações dos costumes e condutas. Na cidade do Rio de Janeiro oitocentista a vida de corte possibilitava aos seus se distinguirem dos demais através de suas condutas e comportamentos civilizados. Segundo a teoria de Norbert Elias entre o século XII e XVIII o mundo sofreu diversas transformações com relação aos modos de comportamento, higiene e condutas em geral. Transformações estas que forçaram aos indivíduos substituírem modos ditos não civilizados por costumes civilizados. A cidade do Rio de Janeiro sofreu através do século XIX uma europeização dos costumes que transformou modos, cuidados com a higiene e comportamento à mesa e adequação no vestir. Esses costumes caracterizaram elementos do processo de civilização que a sociedade fluminense vivenciou.

Portanto seguindo os princípios dos estudos de Herbert Spencer, retomados por Gabriel Tarde, Thorstein Veblen e Georg Simmel é possível correlacionar a teoria de Norbert Elias inserindo a moda neste processo civilizador. Pois os indivíduos da corte tinham por “obrigação” social se distinguirem por seus comportamentos “civilizados”, desta maneira os demais os imitavam na intenção de também diferenciar-se, assim além dos modos de comportamento havia uma adequação dos modos de se vestir e este também passou a ser imitado. Imitava-se o uso de roupas e ornamentos, dando início ao princípio da moda no Rio de Janeiro, pois ao mesmo tempo em que a “classe baixa” imitava as vestimentas da “classe alta” esta as modificavam para novamente manter um distanciamento. Nesse contexto é possível delinear a sociedade fluminense que a partir da segunda metade do século XIX é apresentada a uma moda que adquire uma função de capital social, que exprime uma sociabilidade moderna e principalmente um meio de distinção, prestígio social e privilégio.

¹ FREYRE, Gilberto. **Modos de Homens & Modas de Mulher**. São Paulo: Global editora, 2009.p. 39

² LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: A moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 30.

- ³ SPENCER, Herbert. Les manières et La mode. Em: **Essais de morale, de science et d'esthétique**. Paris. Germer Balliere et Cie., 1883.
- ⁴ RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. **A cidade e a Moda**. Novas pretensões, novas distinções – Rio de Janeiro, século XIX. Rio de Janeiro: Editora Universidade de Brasília, 2002.p. 23.
- ⁵ BRAUDEL, Fernand. **As Estruturas do Cotidiano**: Civilização Material, Economia e Capitalismo Séculos XV-XVIII. São Paulo: Martins Fontes, 2005.p.286.
- ⁶ ROCHE, Daniel. **A cultura das aparências**: Uma história da indumentária (Séculos XVII – XVIII). São Paulo: SENAC, 2007.p. 263-369.
- ⁷ SOUZA, Gilda de Mello e. **O Espírito das Roupas**: A moda no Século dezanove. São Paulo: Companhia Das Letras, 1987. p.125.
- ⁸ BRAUDEL, Fernand. Op. Cit., p.296.
- ⁹ FREYRE, Gilberto. Op. Cit., p. 28.

Referência Bibliográfica

- ALENCAR, José de. **Diva**, São Paulo: Martin Claret, 2002. 142p.
- ALENCAR, José de. **Obras Completas de José de Alencar**:Lucíola, Diva, Senhora. São Paulo: Candido Pontes, 1970. 303 p.
- BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**: crítica social do julgamento. Porto Alegre, Editora Zouk, 2007.
- _____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro/Lisboa: Bertrand Brasil/Difel, 1989.
- BRAUDEL, Fernand. **As Estruturas do Cotidiano**: Civilização Material, Economia e Capitalismo Séculos XV-XVIII. São Paulo: Martins Fontes, 2005.541p.
- FREYRE, Gilberto. **Modos de Homens & Modas de Mulher**. São Paulo: Global editora, 2009.
- ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Rio de Janeiro. Zahar, 1994. 2v. 277p
- SPENCER, Herbert. Les manières et La mode. Em: **Essais de morale, de science et d'esthétique**. Paris. Germer Balliere et Cie., 1883.
- LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**: A moda e se destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. **A cidade e a Moda.** Novas pretensões, novas distinções – Rio de Janeiro, século XIX. Rio de Janeiro: Editora Universidade de Brasília, 2002.

ROCHE, Daniel. **A cultura das aparências:** Uma história da indumentária (Séculos XVII – XVIII). São Paulo: SENAC, 2007. 526p.

SIMMEL, Georg. La mode. **La tragédie de La culture et autres essais.** Marselha: Rivages.

SOUZA, Gilda de Mello e. **O Espírito das Roupas:** A moda no Século dezenove. São Paulo: Companhia Das Letras, 1987. 255 p.